

MULTILETRAMENTOS EM CONTEXTO MULTICULTURAL EMULTILINGUISTICO: EXPERIÊNCIAS EM TORONTO - CANADÁ

Hércules Tolêdo Corrêa

herculest@ufop.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/9999029041649489>

Resumo:

Este artigo, de abordagem autoetnográfica, procura entretecer experiências do cotidiano do autor no *mosaicocultural* que é a cidade de Toronto, província de Ontario, no Canadá, ao mesmo tempo que apresenta alguns dados coletados por meio de observação e observação participante. Em virtude das características e limitações do gênero, foram escolhidos alguns aspectos da experiência multicultural para compartilhar com os leitores, refletindo sobre o impacto disso na carreira docente do pesquisador, interessado nos multiletramentos contemporâneos, entendidos como práticas sociais de leitura e escrita, em múltiplas linguagens e em múltiplas culturas, principalmente mediadas pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (COPE e KALANTZIS, 2000), a fim de educar sujeitos para uma vida cidadã plena.

Palavras-chave: multiletramentos; multiculturalismo; práticas de leitura e escrita.

Abstract:

This article, with an autoethnographic approach, seeks to interweave the author's daily experiences in the cultural mosaic that is the city of Toronto, Ontario province, Canada, while presenting some data collected through participant observation and observation. Due to the characteristics and limitations of the genre, some aspects of the multicultural experience were chosen to share with readers, reflecting on the impact of this on the researcher's teaching career, interested in contemporary multiliteracies, understood as social practices of reading and writing, in multiple languages and in multiple cultures, mainly mediated by digital information and communication technologies (COPE and KALANTZIS, 2000), in order to educate subjects for a full citizen life.

Keywords: multiliteracies; multiculturalism; reading and writing practices.

O Multiculturalismo é uma característica fundamental da herança e identidade canadense e (...) serve de fonte valiosa para mudar o futuro do Canadá. Passado e futuro se juntam na perspectiva multicultural. (GONÇALVES e SILVA, 2003)

I CARACTERIZAÇÃO DO TEXTO E OBJETIVOS

Este texto se apresenta com características de artigo científico, tendo em vista a natureza da revista em que está publicado e seu público-alvo, mas ao mesmo tempo foi construído como um relato reflexivo de algumas experiências relacionadas à leitura e à escrita, principalmente mediadas pela tecnologia, com um olhar de professor e pesquisador da área, que tive durante período de realização de estágio pós-doutoral na York University, em Toronto, Canadá. Trata-se de um trabalho de abordagem autoetnográfica uma vez que, mesmo não me valendo de todos os requisitos para enquadrá-lo rigorosamente como uma autoetnografia¹, também não considero adequado classificá-lo como um relato de viagem acadêmica, ao procurar entretecer experiências do meu cotidiano no *mosaico cultural*² que é Toronto, ao mesmo tempo apresentando alguns dados que coletei por meio de observação ou observação participante, dependendo da situação específica em que me encontrava.

Durante o ano letivo universitário canadense que se iniciou em setembro de 2017 e finalizou em junho de 2018, estive por duas temporadas na cidade de Toronto e pude participar como observador-ouvinte-participante dos seguintes cursos e seminários:

- 1) Curso de Inglês Segunda Língua intensivo com cerca de 5 horas-aula diárias oferecido por um centro internacional de ensino de línguas situado na área central de Toronto, ao lado da Union Station.
- 2) Participação como ouvinte no seminário de pós-graduação EDUC 5100 6.0: Research and Issues in Language, Culture and Teaching, ministrado pela professora **Dra. Sarah Barrett**, cuja ementa é:

¹ Segundo João Pereira (2016), “a autoetnografia é uma abordagem teórica, metodológica e principalmente textual, que procura experienciar, refletir e representar através da evocação, a relação do *self* com o meio cultural”. Dessa maneira, o “método autoetnográfico funde a narrativa pessoal com a exploração sociocultural.” Jornalistas, romancistas, historiadores, biógrafos e viajantes são exemplos de profissionais que costumam lançar mão desse tipo de abordagem em seus textos. Ainda segundo João Pereira (2016), “o desenvolvimento e aplicação desta metodologia entre os acadêmicos das disciplinas humanísticas é mais recente”. Disponível e adaptado de: <http://knoow.net/ciencsociohuman/sociologia/autoetnografia>, acesso em 24 de janeiro de 2020.

² A expressão *mosaico cultural* pretende caracterizar um espaço geográfico em que diferentes culturas coexistam, de maneira que haja uma convivência e respeito mútuos entre sujeitos e comunidades de nações, etnias, línguas, religiões, tradições e costumes diferentes e sem que haja uma predominância de uma cultura “superior” sobre as outras ou uma tendência a uma homogeneização cultural.

Epistemologies underlying theories, and research approaches to language, culture and teaching are examined. The seminar considers questions of knowledge, social/nature relations, and educational praxis in relation to dynamics of language, culture, and teaching. This is a core course requirement for all doctoral students. (BARRETT, 2017)

- 3) Participação como ouvinte na disciplina EDUC 3610 – New media literacies and culture, ministrada pela professora **Dra. Heather Lotherington**, minha supervisora na York University, cuja ementa, segundo o plano de curso da docente, é:

Over the past decades, we have witnessed revolutionary sociotechnical transformations in media environments and everyday communicative and creative practices. This course explores the cultural implications and educational possibilities of *new media*, asking what it means to be literate today, and critically unpacking an array of terms, including media, multimodal literacies, mobile learning, and production pedagogies.

New media have, in diverse ways, outpaced formal schooling systems. The challenge for educators to keep up with and theorize new tools and environments has become a central goal of teacher education in Ontario (and worldwide). As many educational researchers have emphasized, current learners find themselves in substantially different socio-technical and cultural environments than students of just a single generation ago. Today's children are growing up learning differently from all former generations. That schools urgently need to address literacies for participation in contemporary digitally-enmeshed society, including novel forms of digitally-mediated sociality, work and play, is the main focus of this course.

To this end, New media literacies and culture explores the evolving shapes, sites and uses of literacy as expressed in contemporary media practices. Discussions go beyond technical innovation and educational practice to address important questions about participation, equality, and democracy, and the creative capacity of everyone to participate meaningfully in an increasingly networked society. (LOTHERINGTON, 2018)

- 4) Observação participante nas aulas do Prof. Christopher Snow, Elementary School, na Huron Public School, The Annex, Toronto – TDSB (Toronto District School Board).

Tendo em vista as características e limitações de espaço deste artigo, escolhi alguns aspectos da minha experiência multicultural para aqui compartilhar com os leitores, refletindo sobre o impacto disso na minha carreira docente e como pesquisador, interessado nos multiletramentos contemporâneos, entendidos como práticas sociais de leitura e escrita, em múltiplas linguagens e em múltiplas culturas,

principalmente mediadas pelas tecnologias digitais de informação e comunicação(COPE e KALANTZIS, 2000), a fim de educar sujeitos para uma vida cidadã plena.

II A IMERSÃO CULTURAL EM TORONTO

A cidade de Toronto, na província de Ontario, situada às margens do lago que também nomeia a província, o menor dos chamados Grandes Lagos, que demarca a fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos da América, é considerada uma das cidades mais multiculturais e multilinguísticas do mundo, quiçá “a mais multicultural e multilinguística” de todas. Seu lema é: “Diversity our strength”, algo bem próximo a “A diversidade é a nossa força”. Essa foi uma das principais razões que me motivaram a fazer contato com pesquisadores das duas maiores universidades da província: a University of Toronto e a York University, a fim de planejar um estágio de pós-doutorado na região (as universidades canadenses recebem-nos como *visiting scholars*, expressão que pode ser entendida como um “pesquisador visitante”).

Depois de algumas pesquisas nos *sites* das duas universidades e trocas de *e-mails* com pesquisadores que se despontavam em ambas, estabeleci uma parceria com a Professora Heather Lotherington, da Faculty of Education da York University, para realizar meu trabalho no segundo semestre de 2017 e no primeiro semestre de 2018. Isso aconteceu em meados de 2015. Minha intenção inicial era afastar-me de minha instituição de origem, a Universidade Federal de Ouro Preto, no segundo semestre de 2016 e primeiro de 2017, mas nesse período minha futura supervisora estaria em ano sabático, realizando pesquisas na Austrália.

Tendo em vista a comunhão de interesses entre minha supervisora e os meus, optei por aguardar o seu retorno para realizar meu estágio em terras canadenses. De acordo com informações constantes no *site* da York University, os interesses acadêmicos da professora são “educação multilinguística; letramentos multimodais; letramentos e cultura, comunicação e educação”, bastante próximos dos meus interesses, que tenho ministrado disciplinas como “Multiletramentos e formação de leitores e professores” e “Metodologias e práticas de ensino na docência”, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFOP, bem como orientado dissertações acadêmicas e participado de inúmeras bancas de mestrado e doutorado acerca dos multiletramentos, letramento literário, letramento digital e letramento

acadêmico, dentre outras temáticas relacionadas à área da linguagem, leitura e escrita.

Nos próximos parágrafos, recupero parte da narrativa que produzi ao escrever um pequeno artigo para o jornal *A Notícia*, da minha cidade natal, Carmo da Mata, uma cidade de apenas 10.000 habitantes situada na zona Campo das Vertentes, no interior de Minas Gerais. Tal matéria foi-me encomendada pelo editor do periódico, com objetivo de dar visibilidade, para um público não acadêmico, do que constitui um estágio pós-doutoral.

Toronto é a maior cidade canadense e um dos mais importantes centros financeiros do país. Nas últimas décadas recebeu e recebe imigrantes de várias partes do mundo. Portanto, é o que podemos chamar de cidade multicultural por excelência: nela vivem e convivem muitos asiáticos, africanos, sul-americanos (chamados de latinos), europeus de diferentes países; e com muitas religiões que não são muito comuns no Brasil (por exemplo, muçulmanos, sikhis, budistas e judeus). Cerca de metade de sua população não nasceu no país. Muitas línguas são faladas pelas famílias que moram na grande Toronto, um complexo de cidades conurbadas, mas a principal língua, utilizada nas transações comerciais, placas indicativas e documentos oficiais, é o inglês.

56% dos habitantes da grande Toronto têm o inglês como primeira língua, ou seja, pouco mais da metade da população. Outra metade tem o inglês como segunda língua. Portanto, sempre que podem, comunicam-se em suas “línguas de casa”. Ao todo, estima-se que são falados mais de 160 idiomas em toda a região, embora 35 sejam as predominantes. Frequentemente temos a informação de que o Canadá é um país bilíngue, haja vista sua colonização inglesa e francesa, mas na província de Ontário apenas 1,2% da população tem o francês como primeira língua, ou seja, não há muito intercâmbio entre as províncias de Ontário (anglófona) e Quebec (francófona). A segunda língua mais falada na grande Toronto é o italiano (cerca de 3,5% da população). Em seguida vêm línguas chinesas (como o cantonês e o mandarim), faladas por 3,2% da população. Português e o espanhol têm 2% de falantes na região, sendo que a variedade europeia do português ouvido em Toronto é maior do que a variedade brasileira. Em seguida, vêm as línguas bengali, urdu, punjabi, tagalog, russo, farsi (para melhor compreensão e aprofundamento desses

dados, remetemos visualizar o mapa das línguas da grande Toronto em http://www3.thestar.com/static/PDF/20071230_ID06.pdf).

A comunicação oral em inglês sempre foi um grande desafio para mim. Na minha trajetória como estudante e profissional das Letras, já estudei um pouco de várias línguas. Comecei estudando alemão e francês, ainda na graduação. Durante meu mestrado, nos anos 1990, tive de ler bastante em inglês, porque tive um orientador psicolinguista dos Estados Unidos da América, que trabalhava basicamente só com bibliografia na língua inglesa. Depois disso, nos anos 2000, com o *boom* do Mercosul, tive oportunidade também de estudar espanhol. Portanto, estudei quatro idiomas estrangeiros, além de um pouco de latim e de grego na faculdade, mas nunca fui proficiente em nenhuma dessas línguas. O inglês é uma língua que sempre vai e volta na minha vida. Já fiz cursos de extensão no Brasil, já frequentei escolas livres, já tive professor particular e já investi seis semanas de imersão em Washington – DC, nos Estados Unidos, em 2012, para melhorar meu inglês. Ir para uma cidade canadense em que se fala oficialmente o inglês seria também uma grande oportunidade para aprimorar minha proficiência com a língua.

Em Toronto fui morar na casa de uma professora da área de Linguística, mais especificamente de Psicolinguística, da University of Toronto, Dra. Rena Helms-Park. Foi uma experiência muito rica do ponto de vista pessoal, linguístico e cultural. Também morava na casa um contemporâneo da graduação e hoje professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Dr. Fábio Bonfim Duarte. Portanto, era uma casa de acadêmicos, que liam e estudavam boa parte do dia e da noite, mas que também queriam aproveitar o que a cidade e a vida ofereciam! A casa era bem espaçosa e abrigava também o simpático Oscar, The Wilde, um gato vira-latas preguiçoso e gordinho, que nos alegrava muito. Residimos numa das conhecidas *Victorian Houses*, casa com dois ou três andares e um *basement*, muito comuns nos bairros mais tradicionais da cidade.

Como no Canadá não há a “cultura” dos empregados domésticos, também dedicávamos parte do nosso tempo para prepararmos nossas próprias refeições, arrumarmos nossos espaços de socialização e de trabalho. Diferentemente do meu colega, que gosta muito de estudar e trabalhar na biblioteca da Universidade, eu preferia trabalhar em casa, como também fazia e faço no Brasil. Tinha um gabinete na York University, à minha disposição, com computador e internet, mas o *campus*

ficava a uma hora de distância de bairro em que residíamos, The Annex, e portanto, preferia só permanecer lá nos dias que tinha reuniões com a supervisora e seminários-aulas. O transporte público canadense é bem eficiente. Eu viajava sentado no metrô ou ônibus, bem confortavelmente. O preço dos bilhetes não é tão baixo (3,25 dólares canadenses por cada trajeto).

Como sou um “ser conectado”, inclusive fiz disso meu objeto de estudo e trabalho, também gostava de compartilhar minhas experiências nas redes sociais, daí fato de eu publicar bastante pequenos *flashes* do meu dia a dia em Toronto. Usava minha linha do tempo do Facebook tanto para falar dessas experiências cotidianas, quanto para manifestar minha opinião sobre a situação política do Brasil. Acreditava ser meu dever, como professor universitário, formador de opinião, também me manifestar sobre o que ocorria no país, no momento em que vivemos tantos retrocessos nas políticas sociais e educacionais de inclusão e apoio à diversidade. Enquanto o mundo todo tem se preocupado com a diminuição das diferenças e com uma melhor divisão das riquezas, estávamos e estamos ainda presenciando (e pagando muito caro) exatamente pelo oposto em nosso país.

Na sequência reproduzo e analiso alguns excertos de um diário de campo que produzi na minha primeira estada em Toronto.

Toronto significa “ponto de encontro” e Ontario, “água bonita” ou “grande lago”, li em alguns *sites*. São palavras de origem indígena (da etnia iroquês, que habitava a região onde hoje se situa a cidade). Estou na Spadina Station rumo à York University, em minha segunda visita à instituição. Não tenho número de celular canadense, mas meu *smartphone* da Samsung funciona bem onde tem *wi-fi* e por aqui tem *wi-fi free* pra todo lado, muitas vezes sem necessidade de ficar pedindo *password*. No TTC (serviço público de transportes de Toronto) não precisa de senha! Uso meu *WhatsApp* para receber e enviar mensagens de texto, áudio e vídeo. A minha auxiliar do lar me manda fotos recentes de minhas gatinhas, Piaf Curica e Barteaux Amauela, nomes inspirados na teoria das *culturas híbridas*! Uma amiga de 30 anos de amizade me manda vídeo de um *show* que ela está assistindo na Praça de Serviços da UFMG. Procuro a Line 1 do metrô pelas placas! Confiro no *Google Maps* se estou indo na direção certa. Procuro o pedaço de papel (suporte antiquado!) em que anotei (forma retrógrada!), na madrugada, os nomes e números do metrô e ônibus. Pergunto pra uma oriental onde tomo o trem da Linha 1. Ela acha que é noutra entrada. Desconfio que não. Mais à frente, vejo a direção em uma placa. Pergunto para um africano (acho!), que encontro pelo caminho, se estou correto. Ele confirma. Falo pouco inglês. Mas mesmo assim nos entendemos. Pego a Line 1 em direção a Sheppard Station, o ponto final. Tinha *tokens* do metrô e sabia que precisava pegar um *transfer* em uma máquina! Tinha tido a minha primeira lição de como me

movimentar em Toronto por meio de um amigo brasileiro que conheci pelo *FaceBook*. Letramento móvel em desenvolvimento! Comprovante de pagamento na mão, para não correr risco de pagar multa e ser visto como subdesenvolvido que aplica um golpezinho na primeira oportunidade. Ao mesmo tempo em que vou para a York University, leio e-mails da chefia de departamento, da coordenação da pós-graduação, e penso que preciso transferir dinheiro pela *internetbanking* e também pagar algumas contas brasileiras. Tudo isso com conexões e cliques.

O excerto anterior deixa entrever como, estando longe de casa, por meio de tecnologia acessível e barata, podia controlar bastante o que se passava no lar. Também demonstra as facilidades dessa comunicação por meio de uma internet ubíqua, até pouco tempo impensável. Na sequência, continuo minhas considerações sobre o que via e sentia em alguns ambientes públicos em terra estrangeira:

No Bus 106, que me levava de Sheppard West até a York University, via muitos provenientes de várias partes do mundo e de várias etnias: brancos (loiros e morenos), negros (de vários tons de pele), latinos, asiáticos, indianos... de diferentes gêneros, religiões e culturas (o que infiro pelos lenços, véus, chapéus, turbantes, saris...) Mas todos com *smartphones* na mão (reparo que não costumam carregar *tablets* – eu também não). Olhos grudados nas telas. Mundo globalizado! Mundo conectado! Estou numa das maiores cidades do Canadá e considerada uma das mais multiculturais do mundo. Aqui vivem pessoas do mundo inteiro, das mais diferentes etnias, religiões, culturas, enfim. Uma visada no mapa da cidade nos permite identificar lugares que concentram determinadas origens da população, os chamados bairros étnicos: Little Portugal, Little Italy, China Town, Korea Town, Bathurst Street e sua comunidade judaica...

Em Toronto, é muito comum ouvirmos várias línguas estrangeiras pela rua. Algumas nos soam mais familiares, como o espanhol, o francês ou o italiano. Outras, são bem diferentes, e supomos ser hindi, árabe, chinês, coreano ou vietnamita, conforme os biotipos ou indumentárias dos falantes. É comum ouvirmos português europeu ou brasileiro em estações de metrô, dentro dos ônibus, trens urbanos ou no comércio. Nos grandes supermercados, há seções específicas com comidas étnicas: portuguesa (onde também se encontram os produtos brasileiros), chinesa, japonesa, árabe, indiana, caribenha e por aí adiante.

Para muitos, o multiculturalismo pode parecer algo negativo, porque não se tem uma homogeneidade populacional. Mas a multiculturalidade também pode ser vista como fator de enriquecimento e abertura de novas e diversas possibilidades, como confirmam sociólogos, antropólogos, economistas, historiadores, dentre outros

analistas da contemporaneidade, ao demonstrarem que o hibridismo e a maleabilidade das culturas são fatores positivos de inovação.

O estudioso das relações entre currículo e multiculturalismo Antônio Flávio Moreira aponta quatro tipos de multiculturalismo: conservador, liberal, liberal de esquerda e crítico. Para ele, a melhor perspectiva é a do multiculturalismo crítico, que

rejeita tanto o foco liberal na igualdade entre as culturas como a ênfase na diferença por parte da corrente liberal de esquerda. Considera que as duas posições configuram uma falsa oposição e que ambas refletem uma lógica essencialista que toma as identidades individuais como autônomas, auto-suficientes e autodirecionadas. (MOREIRA, 2000, p. 86)

Para o multiculturalismo crítico, a diversidade não constitui um fim em si mesma, precisa ser afirmada no interior de uma política de crítica cultural e de compromisso com a justiça social. Ou seja, essa forma de multiculturalismo vê a diferença sempre como produto da história, da cultura, do poder e da ideologia. Daí a abordagem da diferença com base em uma perspectiva de mobilização política.

Os pesquisadores Gonçalves e Silva (2003, p. 112) destacam que o “multiculturalismo nasce no embate de grupos, no interior de sociedades cujos processos históricos foram marcados pela presença e confronto de povos culturalmente diferentes. Esses povos, submetidos a um tipo de poder centralizado, tiveram de viver a contingência de juntos construírem uma nação moderna”.

Os pesquisadores afirmam também que a rebelião multicultural tem, a partir da segunda metade do século XX, uma visibilidade extraordinária. Nos Estados Unidos, por exemplo, a expansão do multiculturalismo se dá na confluência das lutas pelos direitos civis encabeçadas por descendentes de africanos nos anos de 1960. O clima político da época favoreceu a emergência de ações afirmativas. Foi nesse contexto que a força propositiva de grupos segregados, e de professores e de estudantes que questionavam a estrutura social injusta e o monopólio do saber por alguns levou à formulação de políticas multiculturais.

De lá para cá houve uma profusão de programas nas universidades norte-americanas relativos às questões multiculturais: estudos sobre as mulheres, sexualidade, preferências sexuais, estudos sobre os povos indígenas e outros. Os primeiros Estudos Negros (*Black Studies*) são criados em 1968, em San Francisco. Nos anos seguintes, outras grandes universidades, como Harvard, Yale, Columbia,

incluem em seus quadros esses estudos. Além de exigirem acesso a direitos iguais, os movimentos das chamadas minorias – negros, mulheres, indígenas, população LGBTQIA (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queers*, intersexuais e assexuais), dentre outros – apontavam para a necessidade de se produzirem imagens e significados novos e próprios, combatendo os preconceitos e estereótipos que justificavam a inferiorização desses grupos.

No Brasil, com a promulgação da Constituição de 1988, o racismo passa a ser considerado um crime inafiançável. Há um clima propício para a produção de uma legislação favorável a programas de ação afirmativa e mesmo de projetos multiculturais, sobretudo no campo da educação. Aqui, grande parte das práticas multiculturais, na educação escolar e nas artes em geral, tem sido obra de organizações não-governamentais. Nas universidades registram-se programas de pesquisa sensíveis à temática bem como iniciativas de ação afirmativa voltadas a grupos subrepresentados no ensino superior, por exemplo, aos índios e os camponeses (os cursos de formação intercultural de educação indígena e as licenciaturas do campo, por exemplo).

Os canadenses contam, desde 1987, com o *Canadian Multiculturalism Act*. Essa lei tem levado o governo a promover grupos culturais, eventos étnicos e programas escolares. Por ano, são gastos alguns milhões de dólares com essas atividades.

Continuo abaixo o meu relato, apresentando as minhas impressões sobre os primeiros dias no *campus* da York University:

Estive no *Campus* Keele da York University pela primeira vez no dia 31 de agosto de 2017. As aulas ainda não haviam começado e o *campus* estava bem deserto. Foi muito fácil chegar. Olhei no Google Maps e vi que como usar o transporte público. Foi a pé até a Keele Station, uns 200 metros de onde estava hospedado e peguei o ônibus 41. Viajei porquase uma hora até chegar ao *Campus*. Não identifiquei direito o lugar onde descer e só percebi isso quando o ônibus saiu do *campus*. Então voltei a pé, reentreei no *campus* e perguntei a uma mãe com um filho se eles sabiam onde era a Winters Street e o Winters College. Eles foram muito gentis em me dar um pequeno mapa, o deles, e me indicarem o local. Neste dia conversei apenas com a *manager* do *Dean* (diretor) da Faculdade de Educação, algo que entendi como a gerente da faculdade de educação. Ela foi muito gentil e providenciou uma carta para que eu me registrasse na biblioteca e assim pudesse ter acesso as senhas de *wi-fi*, uso de computador, sistema da York University e uso da biblioteca, dentre outras coisas, que ainda não sei bem. Também me passou a chave de um gabinete que eu compartilharei com outros colegas *visiting scholar*. Retornei à York University mais duas vezes. Na

próxima ida, no dia 7 de setembro, o *campus* estava repleto de alunos, muitos calouros, acredito. Um grupo de alunos, de azul e com uma faixa escrito Bethune, caminhava pelo *campus*, no que eu entendi ser uma visita guiada para adaptação. Não sabia o que era Bethune e procurei no tradutor on-line. Sem êxito. Alguns dias depois soube que Bethune é o nome de uma das residências da York University. (...) Na minha segunda e terceira visitas eu vi alunos de várias etnias (muitos asiáticos – cuja origem certa não consigo identificar, como japoneses, coreanos, chineses, indianos ou paquistaneses, africanos, árabes...) Fiz algumas fotografias em filas de ônibus e dentro de coletivos, para ilustrar este diário.

Em Toronto, há vários bairros com grande predominância de residências e comércio das comunidades de imigrantes e seus descendentes: Little Portugal, Little Italy, Koea Town, China Town, bairro judeu etc. Abaixo, relato minha experiência com uma região de portugueses:

Fui a um açougue de portugueses que fica em Dundas Street, a antiga *Little Portugal* de Toronto. Digo antiga, porque um amigo me disse que hoje em dia, a maioria do comércio português migrou para outra região, mais ao norte da cidade, e eu tive oportunidade de ver isso, quando passei por lá no ônibus 41, indo para a York University (de repente, comecei a ver todas as placas indicativas do comércio da rua em português). Açougues em português europeu são chamados de “talhos” e este se chama Nosso Talho. O açougue é bem mais que um açougue, é também uma mercearia onde se encontram muitos produtos brasileiros e as atendentes, provavelmente da família dos donos, falam português. Senti-me em casa e comprei fubá, canjiquinha, paçoquinha de amendoim, a um preço um pouco alto comparado a esses produtos no Brasil; e goiabada e café Três Corações Extra Forte – o que uso em casa, normalmente, no Brasil - por um preço excelente, mais barato que no Brasil. Vi também, mas não comprei, Guaraná Antarctica, polvilho doce e azedo, feijão (seco, como é comum no Brasil, porque aqui se encontra bastante, nos supermercados, feijão enlatado, meio adocicado) e outros produtos de que me recordo agora. Fiquei muito feliz de saber onde encontrar essas coisas quando quisesse. (...) Sobre preços, embora eu seja um pouco adepto da máxima “Quem converte não diverte”, não deixo de fazer uma conversão rápida sempre. Multiplico por 3 para facilitar. O dólar canadense está a cerca de 2,70 reais. Não faço o raciocínio do tipo 1 x 1, que muitos fazem, porque se recebo em real e se pago em real no Brasil, preciso multiplicar os preços aqui.

Muitas comunidades produzem suas revistas e jornais em suas línguas nativas, com o objetivo de divulgar acontecimentos de interesses desse público e também valorizar suas culturas e tradições. Para citar dois exemplos mais próximos da cultura ibero-americana e aos quais tivemos acesso durante nossa estada na província de

Ontario, sugerimos conhecer o *site* da revista *Latinos* (<http://latinomag.com>), voltada para esse público, e o Jornal de Toronto (<https://jornaldetoronto.ca>), que apresenta excelentes matérias sobre imigração, a vida dos brasileiros no Canadá, serviços específicos para imigrantes, dicas de inglês, anúncios de profissionais liberais como psicólogos, médicos e advogados. Além disso, há alguns bares e restaurantes brasileiros na cidade, onde podemos nos sentir em casa, ouvindo, lendo, falando e escrevendo português durante quase todo o tempo. Como na maioria das grandes metrópoles, é fácil encontrar restaurantes de comida asiática (chinesa, japonesa, coreana, filipina, tailandesa, taiwana, vietnamita), italiana, grega e francesa. Abundam ainda, pela cidade, restaurantes e lanchonetes de origem árabe, indiana, africana, latino-americana (mexicanos e peruanos, principalmente). Registramos, ainda, no bairro The Annex, restaurantes de comida húngara, *québécoise* (a parte francófona do Canadá), além dos cosmopolitas *fast-foods*.

Encerro este relato reflexivo tratando das pequenas bibliotecas que são cuidadosamente colocadas nos jardins das casas em Toronto, para que os transeuntes peguem e levem as obras que lhes interessarem. Muitas vezes, saía pelo bairro em que residia só para garimpar livros e CDs nessas “*little library*”, geralmente de madeira pintadas de vermelho, que enfeitam os *front yard*, além das flores e cores que abundam na primavera. Lojas de livros e de artigos musicais também costumam colocar alguns produtos para que os transeuntes levem consigo gratuitamente. Muitos objetos de decoração e utensílios de casa, e até móveis e eletrodomésticos, já disponibilizados para os passantes. Trata-se de um costume da população, que joga fora aquilo que ainda pode ser utilizado por outros. Pessoas de diferentes níveis econômicos e sociais não se constrangem em pegar e levar, foi a impressão que tive. Quanto à circulação de livros, ainda vale ressaltar que, mesmo com a concorrência feroz dos dispositivos móveis que permitem ouvir música, ver vídeos ou fotografar, ainda encontramos, nos diferentes espaços públicos, crianças, jovens e adultos mergulhados na leitura dos clássicos, dos livros de bolso, dos *best-sellers*... todo tipo de leitura.

Meu diário de campo, produzido por sugestão da supervisora, se estende por quase duzentas páginas, porque tive o cuidado de registrar nele muitas das impressões que tive na cidade e no país, em visitas posteriores a outras províncias e cidades. Entretanto, selecionei aqui apenas algumas dessas impressões, geralmente

as primeiras, que revelam os “choques culturais” pelos quais passei em terra estrangeira, mas sempre aberto a aprender e a compreender a diversidade que se me apresentava. Esses relatos reflexivos apresentam, ainda, algumas práticas de leitura mediadas pela tecnologia que me permitiram uma maior localização e uma melhor locomoção pela cidade, estabelecendo interações com nativos e imigrantes.

III CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Canadá, como um todo, e Toronto, como metrópole, são considerados bastante multiculturais. O Brasil também é considerado um país de diversidade cultural, desde sempre. Portugueses colonizadores, africanos escravizados e nativos que foram chamados de índios foram responsáveis pela população do país de 1500 até o século XIX, quando começaram a chegar ao país imigrantes vindos de outras regiões e países, como italianos, turcos, poloneses, japoneses, para citar apenas alguns... Mais recentemente, chegaram ao Brasil muitos chineses, que montaram seus comércios; muitos venezuelanos, fugindo de regime político recentemente instaurado; muitos bolivianos, fugindo da precariedade econômica do seu país, e também uma leva de refugiados da Síria e do Haiti. Cidades como Belo Horizonte começam a se parecer com metrópoles como Toronto e Quebec.

Nas escolas de Ouro Preto e região, onde atuo profissionalmente, as tensões culturais não se caracterizam da mesma forma que grandes cidades com forte fluxo de imigrantes. Na maioria das vezes, em escolas de cidades pequenas, como Ouro Preto e Mariana, não há famílias de imigrantes estrangeiros, que falam em casa um idioma diferente do português, como ocorre em escolas da periferia de Toronto, por exemplo. Entretanto, percebem-se diferenças culturais entre os alunos das turmas: brancos, negros, mestiços (acredito que o termo nem seja apropriado porque praticamente todos nós somos o resultado de uma mistura de raças). Por aqui, essas tensões são marcadas mais pelas desigualdades sociais e econômicas entre alunos. Crianças oriundas de classes menos favorecidas, filhos de empregadas domésticas, operários, camelôs, sem acesso à saúde e habitações de qualidade, povoam as salas de aula, junto a filhos de profissionais liberais, professores universitários, empregados mais graduados de algumas empresas da região. Cabe aos professores da educação básica e também das universidades incluírem em suas salas de aula toda a

diversidade ali presente, não só integrar os indivíduos à sala, mas incluí-los, com os mesmos direitos de todos os demais.

REFERÊNCIAS:

BARRETT, Sarah. Syllabus. EDUC 5100 6.0: Research and Issues in Language, Culture and Teaching. Faculty of Education, 2017.

COPE, B.; KALANTZIS, M. (Eds.). *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira Gonçalves; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas e políticas. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p. 109-123, jan./jun. de 2003.

LOTHERINGTON, Heather. Syllabus. EDUC 3610 – New media literacies and culture. Faculty of Education. Course: Education. York University, 2018.

MOREIRA, A.F.; CANEN, A. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. In: MOREIRA, A. F e CANEN, A. (Orgs.). *Ênfases e omissões no currículo*. São Paulo: Papyrus, 2000.

PEREIRA, João. Autoetnografia, 2016.

Disponível em: <http://knoow.net/ciencsocioishuman/sociologia/autoetnografia>, acesso em 24 de agosto de 2018.

Referências digitais:

Jornal de Toronto. Disponível em: <https://jornaldetoronto.ca>, acesso em 28 de novembro de 2018.

Revista Latinos. Disponível em: <http://latinomag.com>, acesso em 28 de novembro de 2018.

The Star. http://www3.thestar.com/static/PDF/20071230_ID06.pdf, acesso em 28 de novembro de 2018.

Anexos – Registos fotográficos



Figura 1 - Centro de Toronto visto do *ferry boat* que vai para uma das ilhas do lago Ontario. No meio da foto, o estádio *Rogers Centre* e a *CN Tower*
Fonte: arquivo do autor



Figura 2 – Casas em estilo vitoriano no bairro The Annex, Toronto – Canadá. Fonte: arquivo do autor



Figura 3 – Pessoas de diferentes etnias em um ônibus de TorontoFonte: arquivo do autor



Figura 4 – Prateleiras com produtos organizados por origem internacionalFonte: arquivo do autor



Figura 5 – Fila de ônibus no *campus* da York University
Fonte: arquivo do autor



Figura 6 – As pequenas bibliotecas colocadas nos jardins das casas
Fonte: arquivo do autor



Figura 7 – Uma jovem concentrada na leitura dentro do metrô em TorontoFonte: arquivo do autor